



ação local e audiência global: a presença anarquista na américa central segundo suas fontes documentais (1910-1930)¹

josé julián llaguno thomas

uma posição na historiografia anarquista

O anarquismo é uma corrente de pensamento e ação que busca a substituição do princípio de autoridade como forma de regulação da sociedade, por um sistema regido pela vontade, pela cooperação e pela participação direta das pessoas envolvidas na gestão global da vida social. Para conseguir isso é vital desenvolver um movimento social amplo e generalizado que proponha mecanismos concretos de redistribuição total do poder em um território determinado.² Motivar essa transformação, dar uma base social e criar ferramentas políticas para desencadear esse processo revolucionário foram algumas das tarefas práticas do anarquismo no transcurso de sua história.

José Julián Llaguno Thomas é professor e pesquisador no Instituto de Investigaciones Sociales da Universidade da Costa Rica (UCR). Contato: jjllaguno@gmail.com.





Sobre as origens sócio-históricas deste movimento, existem distintas interpretações investigativas que se sobrepuseram e foram confundidas desde meados do século XIX, tornando muitas vezes difícil distinguir com clareza as fronteiras próprias do anarquismo como doutrina. Propor esse debate e dar-lhe alguns contornos básicos é imprescindível para todo historiador que queira entrar a fundo nas vicissitudes da investigação social desse movimento desde uma perspectiva dinâmica, internacional e com múltiplos níveis, como será apresentada neste texto.

De forma geral, é possível distinguir duas abordagens principais na historiografia do anarquismo, que inclui trabalhos de acadêmicos profissionais, artistas e militantes. A primeira conceitua o anarquismo como um sentimento natural do ser humano de revolta e recusa à dominação, que estaria representado ao longo de toda a história por alguns movimentos e lideranças específicas. Sob essa interpretação, as origens do anarquismo não teriam uma territorialização específica, mas antes seriam uma forma de consciência de protesto que está latente em toda sociedade regida pela autoridade e organizada hierarquicamente.

Essa interpretação tem seus antecedentes no livro clássico de Paul Eltzbacher, publicado em 1900, no qual o autor rastreia o anarquismo dentro das expressões de revolta na Grécia, em Roma, na Idade Média e nas seitas gnósticas. Segundo sua argumentação, cada um dos movimentos formaria parte de uma espécie de genealogia ácrata que se transmitiria no inconsciente coletivo popular durante vários séculos na Europa.³ As antologias documentais que seguem essa perspectiva historiográfica são muitas e se converteram na visão dominante sobre o movimento até a atualidade.⁴





Esse argumento denota a influência do sociobiologismo e do naturalismo no pensamento científico da Europa do século XIX, que buscava explicar a cultura humana a partir de um fundamento nas leis da natureza. Desde o século XIX, no entanto, tornou-se cada vez mais difícil sustentar esse argumento, à medida que as ciências sociais demonstraram que a cultura humana é uma criação social, histórica e mutável que vai se transformando de acordo com muitos fatores que se interrelacionam.⁵

Além dessa justificativa de pretensão científica, existe outra, de caráter político-militante, que tem reforçado esta linha. É muito comum encontrar extensas argumentações de militantes clássicos dentro do movimento, como Mikhail Bakunin, Piotr Kropotkin e Élisée Reclus, que invocavam a necessidade da revolução social e da organização anarquista baseada nessa herança do espírito de revolta da humanidade. Essa perspectiva foi documentada em primeira mão pelo historiador austríaco Max Nettlau, e terminou sendo um dos principais mitos fundadores que deram suporte ao movimento.⁶

Os problemas dessa interpretação para a investigação histórica são os seguintes: 1) reduz o anarquismo ao conjunto de expressões populares e de revolta do continente europeu; 2) mantém uma ideia evolutiva da história, em que o anarquismo é o resultado conjunto da evolução das ideias de pensadores *proto-anarquistas*, como Max Stirner, León Tolstoi, William Godwin, Benjamin Tucker, Pierre-Joseph Proudhon, e os propriamente anarquistas, como Bakunin, Kropotkin e Malatesta; e 3) cria um mito fundacional no qual se confundem as influências do anarquismo com o anarquismo em si mesmo.





Esses fatores têm criado uma série de confusões no campo da investigação histórica, já que, por um lado, reproduzem uma abordagem linear e eurocêntrica e, por outro, colaboram em difundir a ideia de que o anarquismo é uma mescla eclética e disforme de experiências populares e conceitos que não possuem nenhuma base doutrinal. Esse argumento é levado ao extremo por um conjunto de historiadores marxista-leninistas que condenam o anarquismo como uma prática política pré-moderna e realizável somente em contextos de revolta primitiva.⁷

Uma segunda interpretação historiográfica situa o anarquismo como fruto da prática e teoria da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), fundada em 1864, na Europa. Embora seja verdade que a própria AIT agrupava linhas políticas internas diferenciadas, é dentro de sua vida organizativa onde se perfilam de forma mais clara os acentos ideológicos que anos mais tarde terminam por dividir o proletariado internacional entre o socialismo estatista e o socialismo libertário.

Uma contribuição importante para entender os contornos ideológicos e filosóficos dessa problemática foi dada pelo argentino Ángel Cappelletti⁸, que desenvolveu um extenso trabalho de documentação no qual distingue claramente as influências do anarquismo do anarquismo em si mesmo. Segundo este autor, todo o conjunto de experiências de revolta antes do nascimento da AIT é considerado como pré-história do anarquismo, já que foram as experiências fundamentais que inspiraram a militantes que logo se identificaram como anarquistas, como Proudhon e Bakunin. Dessa maneira, o anarquismo se nutre do seu entorno cultural e filosófico para ir ao calor da luta de classes, formando sua base doutrinal





Ação local e audiência global: a presença anarquista...

que tem como denominador comum o rechaço a todo princípio teológico e sagrado do mundo para reconhecer, desta maneira, o caráter transitório, histórico e obsoleto de todas as instituições sociais.⁹

Embora seja verdade que a dinâmica da AIT não seja suficiente para entender todas as organizações e tendências anarquistas, ela oferece um panorama muito mais delimitado espacial e historicamente dos contornos desenvolvidos pelo movimento. E é precisamente esse caráter móvel que impele a nos situarmos em uma perspectiva que reconheça o dinamismo do processo, sem perder a habilidade de captar suas expressões espaciais específicas.

Afortunadamente, essa perspectiva historiográfica tem sido enriquecida nos últimos anos por trabalhos ao redor do mundo que se alimentam de várias abordagens, como a análise de redes sociais, os estudos geográficos, as biografias militantes e os estudos laborais, para desenvolver uma lente de análise muito mais orgânica com a prática internacional e internacionalista do anarquismo nos séculos XIX e XX. Esta perspectiva era alimentada, por sua vez, por um princípio que teve um grande impacto no imaginário popular desde finais do século XIX, denominado “internacionalismo proletário”, ou a ideia de que o proletariado era uma classe social internacional criada e segregada pelo mercado capitalista e que, portanto, seu processo de libertação deveria seguir igualmente um processo internacionalista.¹⁰ Esse princípio foi levado à prática através do desenvolvimento de formas de organização conectadas ao redor do mundo, mediante a circulação de valores, ideias, materiais de propaganda e pessoas, conformando as bases de uma





extensa rede anarquista internacional. Essa rede estava composta por muitas outras que se expandiam ao longo da Europa, do continente americano, do Caribe, do leste asiático, do norte e sul da África e da Oceania.¹¹ O estudo da localização, interação e organização destas redes é o objetivo principal desse tipo de investigações, dentro das quais se situa o presente trabalho sobre a América Central.

Além de introduzir esse olhar internacional, o estudo das redes anarquistas deve definir politicamente seu objeto de investigação, que no caso centro-americano busca romper a visão eurocêntrica dos estudos históricos do anarquismo a fim de contextualizar amplamente a situação particular do libertarismo na América Latina entre o final do século XIX e meados do século XX. O primeiro ponto é de suma importância, já que tem prevalecido a visão de que as ideias anarquistas neste continente são uma espécie dependente e tropicalizada de sua matriz europeia, quando a mesma experiência da AIT, desde 1870, demonstrou que uma grande quantidade das organizações anarquistas se encontravam fora do centro da Europa, como são os casos de México, Cuba, Antilhas francesas, Argentina, Brasil e Uruguai.¹²

Tal presença anarquista, por sua vez, estava influenciada e delimitada pelo mesmo processo de desenvolvimento do capitalismo mundial entre 1870 e 1940. Essa fase esteve caracterizada por alguns fenômenos particulares, como uma grande migração laboral, o desenvolvimento ampliado das comunicações, a busca e conquista de novos mercados, a extensão do colonialismo e o desenvolvimento da empresa capitalista multinacional.¹³





Ação local e audiência global: a presença anarquista...

Esse contexto significou, para as classes populares, a possibilidade de ampliar a construção de um movimento internacional, impulsionado em grande medida pelo processo de destruição criativa do capital, em que se desestruturavam setores econômicos — e, portanto, comunidades inteiras — para dinamizar outras, principalmente aquelas vinculadas à produção de mercadorias, à extração de matérias-primas e ao desenvolvimento da infraestrutura que favorecesse esse processo. Isso, combinado às políticas estatais no continente americano de atração de migrantes europeus, criou um processo de migração transatlântico que provocou o movimento de pessoas e, com elas, suas ideias, culturas e práticas políticas.¹⁴

No que se refere à América Latina, o estudo da atividade política anarquista implica considerar dois processos estruturais importantes: por um lado, o desenvolvimento de um capitalismo agroexportador dependente e extrativo de matérias-primas e, por outro, a expansão imperialista do governo dos EUA. Entender de forma precisa esse contexto é vital para compreender as interrelações entre as redes de militantes anarquistas, assim como os conteúdos que estas iam tomando ao longo do tempo, nos quais o anti-imperialismo e as lutas anticoloniais adquiriram um peso significativo no discurso anarquista da região.¹⁵ Isso também foi especialmente sensível para o México, para a América Central e o Caribe, já que, devido à sua maior proximidade geográfica com os Estados Unidos, converteram-se em constantes laboratórios do expansionismo militar e econômico deste país.¹⁶





o estudo das redes e a atividade anarquista na América Central

Até o momento, tem-se argumentado a favor de uma linha de investigação sobre a historiografia anarquista que entenda este movimento dentro de suas particularidades sócio-históricas e, ao mesmo tempo, dentro de uma dinâmica internacional e internacionalista muito mais ampla. Neste artigo será apresentada uma forma de organizar metodologicamente esse processo e suas implicações para a região centro-americana durante as primeiras três décadas do século XX. É evidente que este projeto implica necessariamente uma caracterização sobre o Caribe; no entanto, o foco dessa análise recai sobre a parte continental da América Central — El Salvador, Guatemala, Costa Rica e Panamá —, região sobre a qual menos há conhecimento sobre a atividade anarquista.

No que diz respeito à análise das redes sociais, parte-se das abordagens que entendam isso como o estudo das interações, tensões e intercâmbios de vários sujeitos/ organizações que estabelecem relações na busca de objetivos comuns. No caso das ideias políticas, isso se concretiza em duas dimensões principais: a análise de círculos de sociabilidade — sociedades operárias, feministas, anticlericais — e das configurações transfronteiriças de apoio.¹⁷ Cada estudo particular pode se concentrar apenas em uma das dimensões; não obstante, é de vital importância conhecer suas distintas variações para desenvolver investigações mais completas.

Na prática, isso significa localizar as pessoas participantes da rede, caracterizar seus vínculos internos, desvendar os objetivos da interação e estabelecer os níveis de envolvimento





Ação local e audiência global: a presença anarquista...

de cada um dos participantes. Este último nível implica situar quem são os mediadores e as figuras centrais do processo; o nível que indica o resultado da multiplicidade de interações que concentra cada pessoa e seu papel na dinâmica dos intercâmbios. Para conseguir rearmar toda essas redes, é preciso o uso intenso de fontes documentais, tão variadas quanto possível. Dependendo do volume da informação, pode-se utilizar ferramentas eletrônicas ou desenvolver técnicas variadas com as quais o investigador categorize os vínculos, atribuindo-lhes um valor para determinar as pessoas nas quais se concentra a maioria desses vínculos.¹⁸ É importante recordar que se pode lidar com um indivíduo, uma organização, um grupo editorial, entre outros possíveis.

Uma limitação dos estudos das redes sociais e particularmente sobre redes intelectuais é a de que há uma excessiva concentração na caracterização horizontal dos vínculos, perdendo de vista muitas vezes o conflito e o contexto sócio-histórico. Por esta razão, propõe-se uma abordagem que leve em conta a interação entre tempo e espaço, como as variáveis imprescindíveis para entender a relação, tensão e localização das redes e sua transformação no tempo.

As particularidades das redes anarquistas relacionam-se com os princípios ideológicos do movimento, que buscava a articulação de uma corrente proletária internacional anticapitalista, anti-estatista, de base multirracial e multinacional. Essa condição levava os anarquistas a desenvolver uma extensa propaganda contra as fronteiras, as restrições nacionalistas e a organização hierárquica da sociedade baseada na acumulação capitalista e na centralização estatal. Nesse sentido, o movimento se compreendia de forma discursiva e prática como





internacionalista, pela busca por uma linguagem universal que aglutinasse suas principais demandas.

Na prática, isso nem sempre se alcançava, já que a propaganda internacional era condicionada por contextos socioculturais particulares de cada lugar. Por isso, era comum que houvesse uma constante interação/tensão entre o universal e o local. Em termos práticos, esse discurso se concentrava em várias iniciativas, tais como: o desenvolvimento de uma série de empreendimentos editoriais — periódicos, revistas, gráficas e bibliotecas —, atividades de arrecadação de fundos, campanhas de solidariedade internacional, necessidade da organização laboral dos trabalhadores e de organização de um tecido cultural e educativo próprio, constituído por escolas racionalistas, grupos filodramáticos, clubes esportivos, de canto, poesia e literatura social.¹⁹

Toda esta atividade estava localizada em regiões específicas e tinha uma base social particular. Entretanto, estava em constante comunicação e interação com outras iniciativas de diferentes lugares do mundo. Por essas razões é que o estudo do anarquismo tem que combinar, necessariamente, várias escalas de análise — local, nacional, regional, transnacional — para que se entenda, em toda amplitude, os alcances do movimento. Isso é facilmente demonstrável através do estudo das atividades anarquistas reportadas nas publicações, como, por exemplo, esta convocatória internacional enviada de São José, na Costa Rica, para rememorar a morte do pedagogo catalão Francisco Ferrer i Guardia:

“A revista RENOVACIÓN, que neste país trabalha com um sonoro grito em prol das reivindicações humanas,





Ação local e audiência global: a presença anarquista...

propõe-se a comemorar com um número especial, no próximo 13 de outubro, o segundo aniversário da morte de Francisco Ferrer i Guardia, fundador da Escola Moderna. É a intenção dos que trabalham nesta revista fazer de tal número um livreto da mais empenhada e vigorosa luta, de 32 a 48 páginas com não poucos registros alusivos, entre os quais colaboram as mais reputadas penas sinceramente libertárias da América e Europa. Considerando que para isso não contamos com recursos de sobra, temos de buscar a cooperação pecuniária de todos os irmãos explorados que têm sobre o mundo um posto nas lutas contra o privilégio... Em nome desta desejada confraternidade humana que será a mais gloriosa realidade do porvir, saúdo a você cordialmente como leal camarada”²⁰.

Para o caso concreto do continente americano, Shaffer identificou sete redes anarquistas regionais que tiveram uma importante interrelação entre 1890 e 1920: 1) transatlântica, 2) costa leste da América do Norte, 3) grande Caribe, 4) fronteira Estados Unidos-México, 5) costa do Pacífico da América do Sul, 6) os Andes e 7) Rio da Prata.²¹ Cada uma dessas redes está definida por suas interações maiores, o que não quer dizer que não se sobrepuseram em alguns momentos ou que não competiram com outras redes militantes, como foi o caso da propaganda comunista que se intensificou após o triunfo da Revolução Russa de 1917.²²

As atividades de solidariedade, intensificação da propaganda ideológica e organização sindical eram parte dos eixos prioritários que dinamizavam essas redes. Do mesmo modo, alguns eventos concretos deram um grande impulso a estes intercâmbios que, nas Américas, se concentraram com a explosão da guerra de independência





de Cuba (1895-1898)²³ e durante a Revolução Mexicana (1910-1917).²⁴ Nos dois lugares, amplos setores anarquistas de todas as partes do mundo participaram na luta armada, nas atividades de sabotagem contra os governos, na arrecadação de fundos, na propaganda de solidariedade, entre outras atividades, com o fim não de conquistar o governo nacional, mas de radicalizar os movimentos sociais até uma ruptura revolucionária generalizada. O estudo desses acontecimentos é fundamental para entender as redes anarquistas na América Latina, já que foram os dois eventos insurgentes mais importantes e próximos geograficamente — onde os anarquistas puderam participar — e que foram deslocados na historiografia pela ênfase nos estudos sobre a Revolução Russa e a Guerra Civil Espanhola.

Outras das atividades fundamentais que complementavam as ações de solidariedade estavam constituídas pela fundação de comitês de auxílio aos presos, grevistas e familiares de militantes, assim como a coleta de fundos para a criação de projetos culturais. Durante a construção do canal do Panamá, essas atividades foram muito intensas e se dirigiam sobretudo aos presos políticos em Barcelona e Buenos Aires, assim como à criação de uma gráfica e biblioteca internacional de literatura anarquista-individualista.²⁵

Com essa localização básica, é possível caracterizar as particularidades da região centro-americana e delimitar a atividade anarquista a partir do trabalho documental realizado até o momento. É importante esclarecer que a cartografia de Shaffer não inclui a América Central devido à pouca informação que existe sobre a presença anarquista na região, interpretação que interessa debater





Ação local e audiência global: a presença anarquista...

neste artigo. Não obstante, o fato de que se encontrem poucos documentos não quer dizer que não existiam importantes conexões entre o Caribe e a América Central.

cartografia da presença anarquista na América Central

Um dos meios principais para a análise da constituição interna e internacional dessas redes foram as publicações periódicas e os empreendimentos editoriais, já que eram os principais instrumentos de comunicação, difusão organizativa e educação do movimento anarquista. Para o caso centro-americano, as mais importantes foram a *Biblioteca Sociológica Internacional*, distribuída a partir de San José, e a Biblioteca *El Único*, organizada em Colón, no Panamá. Na Guatemala e em El Salvador não se constituiu uma infraestrutura similar a essas, ficando, assim, os anarquistas locais como receptores de material impresso de outros países.

Também existiam outros mecanismos importantes de construção e difusão ideológica, como as práticas culturais, a transmissão oral de conhecimentos e as ações de protesto. No entanto, esses registros são muito mais dispersos e difíceis de conseguir; desse modo, são as publicações as principais fontes acessíveis para desenvolver esta abordagem. Por meio delas, realizava-se a convocatória a comícios, apresentações de teatro, bailes operários e saraus, que eram as atividades mais comuns de socialização dos militantes.

Além da dinâmica interna dos grupos, uma análise exaustiva das publicações permite definir pessoas, lugares,





discursos e recursos. Era comum que os grupos editoriais publicassem uma parte de sua correspondência e seus balanços financeiros, pois isso facilitava dar seguimento às estratégias de financiamento, aos formatos de intercâmbio entre publicações e aos lugares em que eram distribuídos. É importante destacar que seus meios de difusão se financiavam completamente do arrecadado entre seus simpatizantes e que a maioria das publicações tinha uma vida efêmera devido aos problemas financeiros e à repressão estatal.

Mesmo assim, a revisão cuidadosa desse sistema de intercâmbio ajuda a distinguir as variantes ideológicas dos grupos, já que dava prioridade à difusão das ideias condizentes com as posições de cada editor ou organização militante. É possível distinguir três linhas nessa nossa análise: 1) anarco-comunismo e anarco-sindicalismo, 2) individualismo anarquista, 3) pan-americanismo anarquista. A primeira linha cobria as tendências anarquistas dentro das federações e confederações operárias na Costa Rica, em El Salvador, na Guatemala e no Panamá, sendo seus porta-vozes os periódicos *Orientación Sindical*, *La Aurora Social* e *Renovación e Germinación*. Esses jornais participavam de uma extensa rede de intercâmbio com outras organizações sindicais, principalmente do México, de Cuba, da Argentina, da Espanha, do Brasil, do Uruguai e dos Estados Unidos.

No caso do individualismo, este tinha, por sua vez, vários aspectos principais, um muito mais combativo e ligado à ação direta insurrecional, como o caso da Federação Individualista Internacional, que tinha presença em grupos do Canadá, da Espanha, dos Estados Unidos, de Cuba e do Panamá.²⁶ O outro polo importante





Ação local e audiência global: a presença anarquista...

se agrupava a partir de uma linha pacifista, muito influenciada pelos escritos de Leon Tolstói, que era parte de uma rede de colônias agrárias fundadas no Canadá, nos Estados Unidos, no México, na Costa Rica, em contato com similares existentes na França. A maioria de seus participantes era de militantes anarquistas europeus que haviam fugido do serviço militar e da repressão durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e mantinham um contato muito estreito com o escritor individualista Émile Armad, na França.²⁷

A terceira tendência estava estabelecida pelo núcleo aglutinado na cidade do Panamá na década de 1920 pelo professor argentino Julio Barcos e o porto-riquenho Nemesio Canales. Ambos promoviam uma linha panamericanista para todos os territórios de fala hispânica, porém, em uma variante anarquista. Eram, no entanto, muito mais pragmáticos e abertos a estabelecer alianças com setores marxistas e progressistas do continente que apoiavam um programa anti-imperialista, socialista e internacionalista.²⁸

Como poucos eram alfabetizados, havia limitações na difusão de ideias pelos meios impressos. Isso é importante assinalar, já que a informação registrada e difundida ficou condicionada à visão de um setor particular do movimento. Por esse motivo, sua análise exige compará-la continuamente com outras fontes. A chegada do anarquismo na região seguiu rotas similares às do resto do continente: 1) migração transatlântica e intrarregional, 2) estudos de estudantes no estrangeiro, 3) intercâmbio de material de propaganda e literatura anarquista, 4) organização sindical de trabalhadores do campo e da cidade. Todos esses fatores se combinaram para que





emergissem as primeiras manifestações do anarquismo na região na década de 1890. Cada um desses modos de chegada das práticas anarquistas aconteceu de forma diferenciada, dependendo de onde ocorreu.²⁹

Nas últimas décadas do século XIX, as referências ao anarquismo eram basicamente negativas e consistiam em sua maioria em despachos diplomáticos e notas jornalísticas provenientes da Europa — principalmente Espanha e França — que informavam sobre supostas greves e atentados violentos organizados por anarquistas. Mesmo assim, essas notícias eram utilizadas frequentemente pela hierarquia da Igreja Católica como argumento contra as reformas liberais, que encorajaram um processo de secularização que, segundo tais instituições, lançava as bases para o desenvolvimento de doutrinas extremas como o anarquismo.³⁰

Não obstante, naqueles anos, a efetiva imigração de militantes europeus na América Central foi muito reduzida e tratou, sobretudo, de catalães e italianos que se dedicaram ao trabalho nas grandes obras de infraestrutura, como a rede de ferrovias na costa caribenha da Costa Rica e na construção do Canal do Panamá.³¹ Em geral, no período entre 1890 e 1910, a maioria dos registros anarquistas provenientes do estrangeiro que transitaram pela região foi por motivos de deslocamento para se dirigir até outros lugares, sobretudo pelas cidades portuárias.³² Foi apenas no Panamá, onde trabalhadores de vários países desenvolveram uma organização especificamente anarquista, a já mencionada Federação Individualista Internacional que, entre 1911 e 1914, contou com presença em todos os canteiros de obra e alojamentos operários da zona do Canal.³³





Ação local e audiência global: a presença anarquista...

Apesar da migração em massa não ter sido tão substantiva como em outras cidades sul-americanas e norte-americanas, a presença de militantes de vários países foi fundamental na construção de vários projetos de propaganda, infraestrutura cultural e organização sindical. Os mais destacados foram os tipógrafos e os professores que atuaram como editores, impressores, tradutores e organizadores. Alguns dos nomes mais importantes que se estabeleceram em territórios centro-americanos são Ricardo Falcó, Nemesio Canales, M. Rodriguez, Julio Barcos e Victor Recobeda.

Com relação aos estudantes no estrangeiro, existiam poucas possibilidades de acesso a estudos superiores ou bolsas para os centro-americanos que não pertencessem à oligarquia cafeeira ou financeira. Os únicos casos documentados que temos são de vários professores costarriquenhos como Elías Jiménez Rojas, Joaquín García Monge, Roberto Brenes Mesén e Arturo Torres, formados na França e no Chile, onde tiveram contato com as ideias anarquistas registradas posteriormente em seus testemunhos.³⁴ Esses professores foram um pilar fundamental na construção de uma rede de cultura impressa de caráter libertário que teve relações diretas com o movimento operário entre 1904 e 1914. As publicações periódicas mais próximas ao anarquismo foram *La Aurora* (1905), *Vida y Verdad* (1904-1905), *La Siembra* (1905), *Sanción* (1908), *Cultura* (1909-1910) e *Renovación* (1911-1914).³⁵

A venda e intercâmbios de material anarquista escrito — revistas, jornais, romances, contos — foram os mecanismos mais importantes de difusão das ideias na região centro-americana até 1930.³⁶ Nesse processo, o





grêmio de tipógrafos desempenhou um papel primordial, que foi tradicionalmente a vanguarda letrada do movimento operário, em que se destacaram por sua orientação ácrata e de grande ilustração os catalães Ricardo Falcó, Andrés Morrasé e Antonio Fajá, estabelecidos na cidade de San José.³⁷ Do mesmo modo, foram vitais nesse processo os níveis de alfabetização de cada país unido aos mecanismos informais de leitura em voz alta e saraus organizados pelos próprios trabalhadores para ampliar os circuitos de discussão das ideias.³⁸

Na maioria dos países, publicações anarquistas próprias não existiam antes de 1920, com exceção da Costa Rica e do Panamá, pois o acesso a essa literatura se dava através da subscrição direta a algum periódico estrangeiro ou pelos sistemas de intercâmbio elaborados desde o estrangeiro. Alguns exemplos desses mecanismos podem ser encontrados ao revisar a correspondência de *Les Temps Nouveaux* e *Cultura Proletaria* — editados em Paris e Nova York, respectivamente —, na qual se encontra o registro de assinantes da Costa Rica, da Guatemala e de El Salvador.³⁹

Por meio dessas assinaturas era possível acessar um acervo de literatura anarquista relevante que, no entanto, alimentava, principalmente, bibliotecas pessoais. O primeiro sistema de propaganda anarquista estabelecido na região — que coincidiu com a aparição do jornal *El Único*, no Canal do Panamá — teve como sede a cidade de San José, através do trabalho de tipógrafos catalães como Andrés Borrásé e Ricardo Falcó, que desde 1910 elaboraram um extenso sistema de edição, impressão, distribuição e venda de material de todo tipo. Para o caso específico da literatura anarquista, criaram a Biblioteca Sociológica Internacional, que tinha uma seleção de obras de Bakunin, Kropotkin,





Ação local e audiência global: a presença anarquista...

Reclus, Malatesta, Anselmo Lorenzo, Proudhon, Grave, entre outros. Esse catálogo era promovido em todas as publicações editadas pela dupla Falcó-Borrasé, tais como *Renovación*, *Eos*, *Lecturas* e *La Linterna*, e podiam ser adquiridos na sua livraria em San José.⁴⁰

A biblioteca também distribuía as publicações através do intercâmbio com outras similares nas cidades de Havana, Los Angeles, Buenos Aires, Barcelona, Nova York, Cidade do México, Canal do Panamá e San Salvador. Os encarregados eram os grupos editores de outras publicações anarquistas como *Tierra*, *Tierra y Libertad*, *Regeneración*, *La Protesta*, *Cultura Proletaria* e *El Único*, cujas edições próprias também podiam ser compradas na Livraria Falcó.⁴¹ Esse sistema se desenvolveu entre 1911 e 1920 e, apesar dos muitos problemas financeiros, teve um nível de distribuição internacional maior através da revista sociológica *Renovación*, que foi dirigida de forma conjunta, entre 1911 e 1914, pelo poeta costarriquenho José María Zeledón e pelo tipógrafo catalão Anselmo Lorenzo. Essa coordenação transatlântica entre San José e Barcelona permitia que o público de *Renovación* se projetasse a cidades europeias como Vigo, Madri, Orleans, Paris e Londres, onde Lorenzo era amplamente conhecido como escritor e militante sindical.⁴²

Este caso é um dos exemplos mais concretos de interação entre projetos locais e internacionais de propaganda, que conseguiram conectar uma cidade tão pequena como San José aos centros de atividade ácrata mais dinâmicos na Europa e nas Américas. A conexão dessa rede com outras cidades centro-americanas foi muito difícil, já que, embora figurasse como um dos objetivos centrais de organizações como o Centro de Estudos Sociais





Germinal — agrupação anarquista fundada em San José, em 1912 —, seus resultados foram muito escassos, pois só havia um intercâmbio de propaganda muito exíguo até San Salvador.⁴³

Algumas dessas dificuldades tinham a ver com as particularidades da região, tais como: 1) predomínio do mutualismo tutelado desde o Estado no movimento operário, 2) preponderância de governos personalistas e ditaduras, na maioria dos países, 3) dificuldades de comunicação terrestre entre os portos e os centros de população no interior dos países, 4) presença militar e econômica constante dos Estados Unidos. Todos esses fatores dificultaram a atividade anarquista na região até a década de 1920, quando despontou uma movimentação mais ativa do anarcossindicalismo em El Salvador e na Guatemala, além do mais enraizado que já se encontrava na Costa Rica e no Panamá.

O primeiro antecedente de uma organização sindical regional se deu em 1911, com a celebração do primeiro congresso operário centro-americano na cidade de San Salvador. A composição organizativa e os acordos gerais tomados contemplaram o predomínio do trabalho artesanal e mutualista do movimento, que seguia uma linha política mais liberal que socialista. Essa organização tinha antecedentes que remontavam os anos finais do século XIX, quando o movimento operário e artesanal propunha suas demandas a partir da instrução política das elites, através da legitimação da seleção dos mesmos grupos nos processos eleitorais e na obtenção de algumas pequenas medidas de proteção laboral.⁴⁴





Ação local e audiência global: a presença anarquista...

Este esquema começou a se romper muito lentamente na década de 1910, em especial na Costa Rica, através do grupo editor do periódico *La Aurora Social* (1912-1914), que teve continuidade com outra publicação chamada *La Unión Obrera* (1915). Seus editores eram, em sua maioria, tipógrafos e padeiros, que deram uma orientação socialista muito mais explícita através da difusão das ideias anarquistas debatidas no interior do movimento. O curioso é que *La Aurora Social* passa a se converter em porta-voz dessa primeira confederação operária, apesar de sua linha editorial nem sempre coincidir com o mutualismo das demais organizações. O jornal ganhou distribuição regional durante o ano de 1912, para logo se converter em porta-voz da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) da Costa Rica no período de 1913 a 1914.⁴⁵

A CGT foi resultado da maturidade da atividade política operária e artesanal na Costa Rica que, com um impulso importante do Centro de Estudos Sociais Germinal e de forma conjunta com outros grêmios, promoveu a primeira comemoração operária no 1º de maio de 1913.⁴⁶ O estudo dessa organização demonstra que o anarquismo não era uma linha majoritária em todos os grêmios, já que as ideias libertárias enfrentaram constante debate interno, em temas como a representação operária ou não nos parlamentos e a necessidade ou não de ruptura revolucionária.⁴⁷ Apesar desta distribuição desigual das ideias, havia um grupo ativista ácrata muito ativo, promovendo palestras, debates, artigos e eventos culturais. Esse grupo era composto principalmente por padeiros, tipógrafos, barbeiros, sapateiros, carpinteiros e alguns alfaiates.





Nos anos 1920, dois processos coincidiram de modo a permitir melhores condições para a difusão de propaganda anarquista e de suas práticas nas organizações laborais centro-americanas. No plano internacional, promovia-se uma recomposição da AIT, dada a necessidade de rearticular uma organização anarquista mundial que fizesse frente à influência da União Soviética que se espalhava com a atividade da Internacional Sindical Vermelha. A decisão de reativar uma internacional anarquista deu-se após a decepção dos anarquistas com o rumo do processo na Rússia e com a repressão generalizada dos bolchevistas, cujo ápice foi a destruição da comuna de Kronstadt, liderada pelo exército camponês de Néstor Makhno, na Ucrânia, combinada com a proibição de toda atividade ácrata na URSS.⁴⁸

Os testemunhos diretos de revolucionários como Emma Goldman, Alexander Berkman, Volin Makhno, Archinov e Kropotkin serviram para que ocorresse um amplo debate que dividiu os anarquistas em todo o mundo com respeito à política da URSS. Isso gerou posições que iam desde o rechaço total à política bolchevista até o desenvolvimento de uma corrente anarco-leninista que durou pelo menos até 1923 em Berlim, com um secretariado interessado em intensificar a propaganda na Europa e no continente americano, onde estavam seus principais bastiões.

Um dos promotores mais importantes desse trabalho foi o espanhol Diego Abad de Santillán, um veterano militante que viveu uma parte importante de sua vida na Argentina e que foi redator do periódico *La Protesta*, assim como dirigente da Federação Operária Regional Argentina (FORA). Através de sua ampla rede de contatos, Abad de Santillán conseguiu que, desde a Confederação Geral de Trabalhadores (CGT) do México





Ação local e audiência global: a presença anarquista...

e da FORA, fossem enviados vários propagandistas com a missão de melhorar os contatos na América Central e promover uma reunião continental anarquista no Panamá em novembro de 1927.⁴⁹

Finalmente, esse trabalho recaiu sobre o militante da FORA Julio Díaz, que percorreu por vários meses, em 1926, todos os países centro-americanos dando palestras, estabelecendo contatos e promovendo o anarcossindicalismo como forma de organização específica para os trabalhadores.⁵⁰ Suas impressões foram publicadas em *La Protesta* de Buenos Aires e surtiram efeito com a criação de organizações anarquistas em El Salvador, na Guatemala e na Costa Rica, que, por sua vez, mandaram delegações ao congresso no Panamá, inviabilizado e reprimido pela polícia antes mesmo que começasse. Após essa tentativa fracassada, um congresso terminou por se realizar em Buenos Aires, em 1929, quando foi criada a Associação Continental Americana de Trabalhadores (ACAT), uma seção da AIT na América Latina e que fundou um jornal mensal de coordenação denominado *La Continental Obrera*.⁵¹ As organizações centro-americanas articuladas formaram parte da ACAT, que existiu formalmente até 1932, quando o golpe militar do general Jorge Ubico, na Guatemala, desencadeou uma repressão generalizada contra o anarquismo no país.

O segundo fator que colaborou para que esse esforço de propaganda rendesse frutos na América Central foi a relativa abertura política em El Salvador e na Guatemala, até o golpe de Ubico, onde se intensificava o debate entre mutualistas, comunistas e anarquistas, tendo como resultado uma forte atividade no interior da Federação Regional de Trabalhadores de El Salvador (FRTS) e na





Federação Operária da Guatemala (FOG). O resultado dessas discussões internas foi a ruptura dessas federações que culminou com organizações anarquistas específicas, como o Centro Sindical Libertário (CSL) e o Comitê Pro-Ação Sindical (CPAS).⁵² Destes, apenas o CPAS conseguiu articular uma publicação própria denominada *Orientación Sindical*, da qual foram editados quinze números na Cidade da Guatemala, em 1928. O massacre generalizado e a repressão que irromperam em 1932 nesses dois países terminaram por destruir as pequenas eclosões ácratas que foram construídas por mais uma década.⁵³

Com respeito aos países onde já havia presença anarquista no movimento operário antes de 1920, seu ativismo continuou principalmente nas cidades de San José e Cidade do Panamá, onde se rearticularam várias vezes organizações anarcossindicalistas. Nenhuma delas, todavia, conseguiu se converter em uma confederação de caráter nacional, continuando suas ações até meados da década de 1930. Os vestígios de sua atuação praticamente se perderam no tempo. Na Costa Rica, a *Organização Operária de Estudos Sociais até a Liberdade* formava parte da ACAT e conseguiu editar uma revista sociológica, em 1929, denominada *Germinación*⁵⁵, que mantinha contato com outras publicações ácratas de Barcelona, Valência, Nova York, Buenos Aires e Cidade do México⁵⁴. Seu principal animador era o anarquista peruano residente em San José, Victor Recoba, com ampla trajetória no movimento sindical no Peru, no México e na Guatemala.

No caso do Panamá, um impulso ao anarcossindicalismo foi dado no interior do Sindicato Geral dos Trabalhadores, fundado em 1924 pelos irmãos espanhóis José María e





Ação local e audiência global: a presença anarquista...

Martín Blázquez de Pedro, dois importantes ativistas a dar continuidade à militância ácrata no istmo. Essa organização manteve uma luta constante pela jornada de oito horas, várias greves contra o abuso no preço dos aluguéis, assim como repetidas denúncias contra o intervencionismo dos Estados Unidos no país. No final daquela década, a organização foi fortemente reprimida levando à expulsão dos irmãos Blázquez de Pedro que, exilados em Cuba, morreram em 1927.⁵⁶

Dois casos que se diferenciam das tendências descritas até o momento foram a criação de comunas anarquistas e o desenvolvimento de um panamericanismo ácrata. No primeiro caso, documentou-se a criação de uma comuna anarquista em Mastatal de Priscal, na Costa Rica. Este era um lugar de presença indígena *huetar*, que havia sido deslocada e reduzida devido à extensão do cultivo de café.⁵⁷ Nesse território, criou-se uma comunidade composta por pacifistas, individualistas e insurretos europeus que tinham saído do continente durante a Primeira Guerra Mundial e tinham a intenção de colocar em prática as ideias anarquistas no campo, tomando como referência as experiências de colônias *tolstoianas* inspiradas no escritor russo e no individualismo ácrata do francês Émile Armand.⁵⁸

A comuna durou um pouco mais de uma década e desenvolveu uma intensa comunicação com outros projetos similares nos Estados Unidos, México, França, Espanha, Brasil e Argentina. Através de uma revista trimestral denominada *Le Semeur* (1925-1928), redigida em francês, promovia a emigração até a Costa Rica para desenvolver comunas agrícolas e discutia amplamente sobre educação livre, naturismo, veganismo, promoção do Esperanto e desobediência civil.⁵⁹ Essa comunidade promoveu vários





projetos educativos na zona limítrofe a suas terras e contou com uma comunicação permanente com o químico, farmacêutico e veterano individualista Elias Jiménez Rojas⁶⁰, um dos principais colaboradores de Armand na França.

A outra tendência presente na região se deu através do trabalho da *Cuasimodo Magazine Internacional* (1919-1921), que era uma revista ilustrada editada na Cidade do Panamá de forma conjunta pelo porto-riquenho Nemesio Canales e pelo argentino Julio Barcos. Sua tiragem tinha uma grande distribuição internacional e estava conectada com as principais publicações latino-americanas do momento. Sua linha editorial promovia o panamericanismo em uma versão bastante particular, já que buscava a união hispano-americana através dos povos e não dos governos.⁶¹ Insistia-se na promoção da educação livre, da organização dos trabalhadores e do fomento de uma cultura cosmopolita, libertária e antinacionalista.

Um de seus principais colaboradores foi o supracitado José María Blazquez de Pedro, que publicou extensamente na revista e promoveu essa variante hispanista em um contexto no qual se debatiam vários modelos para uma união hispano-americana, predominando as visões liberais e marxistas. As conexões do grupo editor de *Cuasimodo* com organizações na Costa Rica se deu, sobretudo, através do movimento de professores no qual Barcos participou diretamente, assim como pelas suas colaborações para a revista *Repertorio Americano* (1919-1959), editada pelo professor Joaquín García Monge⁶², que tinha sido um firme divulgador do anarquismo entre 1904 e 1914. Resta ainda por explorar as conexões mais profundas entre esses projetos, assim como as relações entre os anarquistas na Costa Rica e no Panamá, que, segundo indicam as fontes





Ação local e audiência global: a presença anarquista...

históricas, foram muito mais dinâmicas do que se tem documentado até o momento.

conclusões

Para concluir esta exposição, pode-se argumentar que a historiografia anarquista tem recebido um impulso importante na última década a partir de uma renovação em suas abordagens de análise, métodos de trabalho e investigação documental. Nesse contexto, o percurso mais proveitoso para desenvolver tal processo relaciona-se à potencialização de uma análise mais orgânica com os princípios mesmos do anarquismo, ou seja, com sua mobilidade internacional e sua realização local. Isso significa um desafio importante para os historiadores, já que implica levar a sério todas as possibilidades de encontro entre várias abordagens, principalmente aquelas que relacionam tempo e espaço de forma dinâmica e viva.

Essa aposta investigativa implica, ainda, reconstruir uma perspectiva em muitos níveis que consiga explicar o surgimento e a atividade local dos anarquistas, assim como suas múltiplas conexões nacionais, regionais e internacionais. Isso somente é possível com um uso intensivo e imaginativo das fontes documentais, que rastreiam sua presença desigual e fragmentada nos distintos territórios do continente. Para o caso centro-americano, esse processo é ainda incipiente, já que as informações sobre os diferentes movimentos e organizações é muito desbalanceada. Ainda assim, muito se avançou na sua localização e no estudo de suas interações com outras redes que transitavam pelo continente americano e entre este e a Europa.





Uma das implicações dessa interação é a delimitação político-geográfica, já que a atividade anarquista tinha mais conexões e interações que as constituídas no interior das fronteiras. Um exemplo claro disso é a importância que teve o Panamá, que, por suas peculiaridades geográficas e políticas, foi um ponto de conexão com outras organizações do Caribe e com a Costa Rica, particularmente. Por essa razão, é imprescindível estudar a parte continental da América Central de forma conjunta com o Caribe e suas ilhas maiores, já que isso pode mostrar muitas rotas de trânsito das ideias que ainda não foram clarificadas.

Nesse percurso de investigação é fundamental a utilização das publicações anarquistas, pois elas constituíam uma das principais ferramentas de comunicação, educação, informação e formação ideológica do movimento. Apesar de a maioria das organizações e publicações terem registrado existência descontínua pelos problemas financeiros e pela constante repressão estatal, suas práticas foram as principais vozes libertárias na América Central continental. Mesmo com um lastro pequeno, puderam alcançar públicos ampliados. É certo que o estudo das fontes aqui indicadas não é suficiente para compreender todas as dimensões das redes militantes na região; no entanto, são um ponto básico imprescindível para qualquer trabalho historiográfico.

Tradução do espanhol por Victor Sakamoto.





Notas

¹ Esse artigo registra resultados do projeto de pesquisa *La red anarquista internacional y los proyectos de propaganda del ideal en América Central entre 1910 y 1930: un rescate de sus fuentes de estudio*, inscrito no Centro de Investigações Históricas da América Central (CIHAC) da UCR entre 2014 e 2015. Este texto é uma versão editada do artigo publicado na revista eletrônica de história *Diálogos* (Costa Rica, Universidad de Costa Rica, n. 17, vol. 2, pp. 33-51, 2016).

² Eduardo Colombo. *El espacio político de la anarquía*. Montevideo, Nordan-Comunidad, 2000.

³ Paul Eltzbacher. *Anarchism*. [S.l.] SMK Books, 2011.

⁴ Ver: Georges Blond. *El gran ejército de la bandera negra: los anarquistas a través del mundo*. España, Luis de Carait editor, 1975; Daniel Guérin. *El anarquismo. De la doctrina a la acción*. Buenos Aires, Proyección, 1968; James Joll. *Los Anarquistas*. Barcelona, Grijalbo, 1968; e George Woodcock. *El anarquismo. Historia de las ideas y movimientos libertarios*. Espanha, Ariel, 1979.

⁵ Murray Bookchin. *La ecología de la libertad*. Espanha, Nossa y Jara Editores, 1999.

⁶ Ver: Max Nettlau. *La Anarquía a través de los tiempos*. Barcelona, Guilda de Amigos del Libro, 1935.

⁷ Ver: Eric Hobsbawn. *Rebeldes primitivos*. Barcelona, Ariel, 1974.

⁸ Ángel Cappelletti. *Prehistoria del Anarquismo*. Madrid, Queimada, 1983.

⁹ Eduardo Colombo. *La Voluntad del Pueblo: Democracia y Anarquía*. Argentina, Túpac Ediciones, 2006.

¹⁰ Jacinto Barrera. "La biblioteca Sociológica de Regeneración y la red internacional anarquista". Palestra apresentada no encontro *Cultura y Práctica del Anarquismo, desde sus Orígenes hasta la Primera Guerra Mundial*. Colegio de México, México D.F, março de 2011. Disponível em: <http://catedramex-esp.colmex.mx/index.php/13-textos-del-encuentro-cultura-y-practica-del-anarquismo-desde-sus-origenes-hasta-la-primera-guerra-mundial/> (acesso em: 19/11/2016).

¹¹ Michael Schmidt e Lucien Van Der Latt. *Black Flame: The revolutionary Class politics of Anarchism and Syndicalism*. Reino Unido, Ak Press, 2009.

¹² Ángel Cappelletti. *El anarquismo en América Latina*. Venezuela, Ayacucho, 1990.





¹³ Lucien Van der Walt e Steven Hirsch. “Rethinking Anarchism and Syndicalism: the colonial and postcolonial experience, 1870-1940” in Lucien Van der Walt e Steven Hirsch (eds.). *Anarchism and Syndicalism in the colonial and postcolonial world, 1870-1940*. Leiden/Boston, Brill, 2010, pp. xxxi-xxxii.

¹⁴ Eduard Masjuan. “El pensamiento demográfico anarquista: fecundidad y emigración a América Latina (1900-1914)” in *Revista de Demografía Histórica*. Espanha/Portugal, Associação de Demografia Histórica (ADH), v. 21, n. 2, 2003, pp. 151-180.

¹⁵ Kirk Shaffer. “Contesting internationalist: Transnational Anarchism, Anti-Imperialism, and US expansion in the Caribbean, 1890s-1920s” in *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*. Tel Aviv, The Sverdlin Institute for Latin American History and Culture/Tel Aviv University, v. 22, n. 2, 2011, pp. 11-38.

¹⁶ Rodrigo Quesada-Monge. *América Latina, 1810-2010: El Legado de los Imperios*. Costa Rica, EUNED, 2012.

¹⁷ Ricardo Melgar. *Redes e imaginarios del exilio en México y América Latina, 1934-1940*. México, Libros en Red 2003, p. 25.

¹⁸ Eduardo Devés-Valdés. *Redes intelectuales en América Latina*. Chile, Instituto de Estudios Avanzados-Universidad de Chile, 2007, p. 22.

¹⁹ Clara Lida y Pablo Yankelevich. *Cultura y política del anarquismo en España e Iberoamérica*. México, El Colegio de México, 2012.

²⁰ *Renovación*. San José, n. 6, 1911.

²¹ Kirk Shaffer. “Latin lines and dots: transnational anarchism, regional networks, and italian libertarians in Latin America” in *Zapruder World Project*. Italy, Odradek Edizioni, v. 1, 2014. Disponível em: <http://www.zapruderworld.org/content/kirwin-r-shaffer-/> (acesso em: 19/11/2016).

²² Ricardo Melgar. “Redes y representaciones cominternistas” in *Universum*. Talca, Universidad de Talca, 2001, pp. 375-405.

²³ Benedict Anderson. *Under three flags: anarchism and the anti-colonial imagination*. London, Verso, 2007; Joan Casanovas Codina. *Bread, or Bullets! Urban labor and Spanish Colonialism in Cuba, 1850-1898*. Pittsburgh, University of Pittsburgh Press, 1998; Amparo Sánchez. *Sembrando Ideales: anarquistas españoles en Cuba, 1902-1925*. Espanha, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2008; Kirk Shaffer. “Havana Hub: Cuban





Ação local e audiência global: a presença anarquista...

anarchism, radical media and trans-caribbean anarchist network, 1902-1915” in *Careibbean Studies*. Caribe, Institute of Caribbean Studies, 2009, pp. 45-81.

²⁴ Jacinto Barrera y Alejandro de la Torre. *Los rebeldes de la bandera roja*. México, Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2011; Joaquín Beltrán. “La opinión sobre la revolución mexicana en la prensa anarquista española, 1911-1917” in *Espiral. Estudios sobre Estado y Sociedad*. Guadalajara, Universidad de Guadalajara, 2008, pp. 169-205; David Doillon. *El magonismo y la Revolución mexicana en la prensa ácrata y radical francófona*. México, Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2013; Pablo Yankelevich. “Los magonistas en La Protesta. Lecturas rioplatenses del anarquismo en México, 1906-1929” in *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*. México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1999, pp. 53-83; Pier Zarcone. *Os Anarquistas na Revolução Mexicana*. Brasil, Faísca Publicações Libertárias, 2006.

²⁵ *El Único, publicación individualista*. Istmo de Panamá, 12 nov. 1911, p. 29.

²⁶ Idem, p. 18.

²⁷ *Le Semeur, Idées e Faits*. Puriscal, n. 1, out. 1925.

²⁸ Ver: *Cuasimodo, Magazine Interamericano*. Ciudad de Panamá, Moscote, Canales Y Co., n. 1, jun. 1919.

²⁹ Ángel Cappelletti. *El anarquismo en América Latina*. Venezuela, Ayacucho, 1990.

³⁰ “Un atentado contra Estrada Cabrera” in *El Orden Social*. Costa Rica, 30 mai. 1908, pp. 1-2.

³¹ Rita Bariatti. *Italianos en América Central. De Cristóbal Colón a la Segunda Posguerra*. Costa Rica, Librería Alma Mater, 2011.

³² Ángel Cappelletti. *Hechos y figuras del anarquismo hispanoamericano*. Espanha, Madre Tierra, 1990.

³³ Julie Greene. “Spaniards on the Silver Roll: Labor Troubles and Liminality in the Panama Canal Zone, 1904-1914” in *International Labor and Working-Class History*. Cambridge, Cambridge University Press, 2004, pp. 78-98. Luis Navas. *El movimiento obrero en Panamá, 1880-1914*. Costa Rica, EDUCA, 1979.

³⁴ José Julián Llaguno. *Pensamiento anarquista, cultura política y nueva intelectualidad en Costa Rica 1900-1914*. Tesis (Licenciatura en ciencias políticas). Costa Rica, Universidad de Costa Rica, 2010, pp. 109-120.



³⁵ David Díaz Arias. "From Radicals to Heroes of the Republic: Anarchism and National Identity in Costa Rica, 1900-1977" in Geoffrey De Lafourcade e Kirk Shaffer (eds.). *In Defiance of Boundaries: Anarchism in Latin American History*. Gainesville, University Press of Florida, 2015, pp. 403-448.

³⁶ Iván Molina. *Al pie de la imprenta. La empresa Alsina y la cultura costarricense 1903-1914*, [avance de investigación]. Costa Rica, Centro de Investigaciones Históricas, 1994; Iván Molina. *El que quiera divertirse. Libros y sociedad en Costa Rica 1750-1914*. Costa Rica, Editorial de la Universidad de Costa Rica, 1995.

³⁷ Mario Samper, José Manuel Cerdas, Ronny Viales, Javier Agüero e Rodrigo Cordero. "El arte de imprimir: los oficios tipográficos en la ciudad de San José, 1830-1960" in *Revista de Historia*. Costa Rica, Universidad de Costa Rica, n. 42, 2000, pp. 135-187.

³⁸ Mario Oliva. "La novela y los trabajadores" in *Aportes*. Madrid, Edita Schedas S. L. y Fundación Ignacio Larramendi, n. 26, 1985, pp. 24-25; Mario Oliva. "La novela y su influencia en el movimiento popular costarricense" in *Aportes*. Madrid, Edita Schedas S. L. y Fundación Ignacio Larramendi, n. 27, 1985, pp. 33-34, 1985; Mario Oliva. *Artesanos y obreros costarricenses, 1880-1914*. Costa Rica, EUNED, 2006.

³⁹ Arturo Taracena. "El manuscrito de Max Nettlau sobre el anarquismo [Campo] en Centroamérica 1906-1932" in *Política y Sociedad*. Madrid, Universidad Complutense, n. 10, 2009, pp. 151-167.

⁴⁰ "Sección de canjes" in *Revista Renovación*. Costa Rica, 1911-1914.

⁴¹ *Revista Renovación*. Costa Rica, 1911-1913.

⁴² "Sección de canjes" in *Revista Renovación*. Costa Rica, 1912.

⁴³ "circular" in *¡Tierra y Libertad!*. Espanha, Centro de Estudios Sociales Germinal, n. 3, 15 jan. ano.

⁴⁴ Víctor Hugo Acuña. *Artesanos, obreros y proletarios de enclaves en Centroamérica en el periodo liberal: una minoría activa* [avance de investigación]. Costa Rica, Centro de Investigaciones Históricas, 1992.

⁴⁵ "La confederación de obreros y La Aurora Social" in *La Aurora Social*. Barcelona, n. 3, 1913.

⁴⁶ Mario Oliva. *1º de mayo en Costa Rica. 1913-1986*. Costa Rica, COMARFI, 1987.



Ação local e audiência global: a presença anarquista...

⁴⁷ “Carta fundamental de la Confederación de Obreros 22 de enero” in *La Aurora Social*. Barcelona, n. 3, 15 mai. 1913.

⁴⁸ Piotr Archinov. *Historia del movimiento makhnovista 1918-1921*. Argentina, Tupac Ediciones, La Malatesta, 2008.

⁴⁹ María Migueláñez. “Anarquistas en red. Una historia social y cultural del movimiento libertario continental 1920-1930” in *9 Encontro Internacional de ANPLAC*. Goiás, Universidade Federal de Goiás, 2010, pp. 1-8.

⁵⁰ “Conferencia Obrera” in *La Prensa*, n. 4, 26 mar. 1926.

⁵¹ La Continental obrera. “Vocero de la Asociación Continental Americana de Trabajadores ACAT” in *La Continental obrera*. Argentina, 1929.

⁵² Arturo Taracena. “Presencia anarquista en Guatemala entre 1920 y 1932” in *Revista Mesoamérica*. New Orleans, Tulane University (Department of History), 1988, pp. 1-23.

⁵³ Omar Monteflores. *El anarquismo en Guatemala: el anarco sindicalismo en la Ciudad de Guatemala 1920-1932*. Tesis de Historia. Guatemala, Universidad de San Carlos de Guatemala, 2011.

⁵⁴ *Germinación (revista mensual de cultura sociológica)*. San José, Costa Rica, nov. 1929.

⁵⁵ Arturo Taracena e Omar Monteflores. *Diccionario biográfico del movimiento obrero urbano de Guatemala, 1877-1944*. Guatemala, FLACSO, 2014, pp. 268-269.

⁵⁶ Hernando Franco Muñoz. *Blázquez de Pedro y los orígenes del sindicalismo panameño*. Panamá, Movimiento Editores, 1986.

⁵⁷ Georges Vidal. *Mi mujer y mi monte*. San José, Ministerio de Cultura, Juventud y Deportes, 1972.

⁵⁸ Malcolm Menzies. *Mastatal*. Mastatal Éditions. Paris, Plein Chant, 2009.

⁵⁹ *Le Semeur, Idées e Faits, Puriscal*. Costa Rica, n. 1, out. 1925.

⁶⁰ Emilio Jiménez. “Elias Jiménez Rojas” in *Apuntes*. 1945, pp. 509-510.

⁶¹ Alexandra Pita. “De la Liga Racionalista a cómo educa el Estado a tu hijo: el itinerario de Julio Barcos” in *Revista de História*. Costa Rica, Universidad de Costa Rica, n. 65-66, 2012, pp. 123-141.

⁶² Fernando Herrera. *García Monge Joaquín. Ensayos de juventud*. Costa Rica, Editorial Costa Rica, 2004.





Resumo

O artigo apresenta uma análise sobre a presença anarquista na América Central nas três primeiras décadas do século XX, a partir de suas fontes documentais, como as publicações anarquistas da época. Argumenta-se em favor de uma linha de investigação que entenda o anarquismo dentro de suas particularidades sócio-históricas, assim como de abordagens que levem em consideração a interação entre tempo e espaço no estudo das redes de militantes, a fim de compreender os alcances do movimento e das práticas libertárias na região.

Palavras-chave: anarquismo, fontes documentais, América Central.

Abstract

The article exposes an analysis of the anarchist presence in Central America in the three first decades of the twentieth century through the study of documents focusing on the anarchist press activities. The author claims the urgency to understand the Central-American anarchism by taking on account its social and historical contexts. It is also crucial that analysts consider the interactions between time and space within the militant networks in order to make sense of the range achieved by the anarchist movement and practices throughout the region.

Keywords: anarchism, archival sources, Central America.

Local Action and Global Audience: the Anarchist presence in Central America according to its archival sources (1910-1930), José Julián Llaguno Thomas.

Recebido em 15 de dezembro de 2016. Confirmado para publicação em 10 de abril de 2017.

